



Saúde mental e o contexto de trabalho de enfermeiros da rede pública

Mental health and the work context of nurses in the public network

Salud mental y el contexto laboral de los enfermeros de la red pública

Hellen Cristina Leal Jeronymo¹, Maryana Prior de Oliveira¹, Nandra Martins Soares¹, Monica Augusta Mombelli².

RESUMO

Objetivo: Investigar a relação entre o trabalho e a saúde mental de enfermeiros na Atenção Primária à Saúde. **Métodos:** Estudo de abordagem quantitativa, com procedimentos de pesquisa de campo e desenvolvido transversalmente. A pesquisa foi realizada com 43 enfermeiros que atuam em Unidades Básicas de Saúde. Para coleta de dados utilizou-se um questionário sociodemográfico e as Escalas de Avaliação do contexto de trabalho (EACT) e de Custo Humano do Trabalho (ECHT). Os dados foram analisados por meio de técnicas de estatísticas descritivas. **Resultados:** Constatou-se que o trabalho do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde oferece fatores de riscos à saúde mental, pois a organização e as condições do trabalho, as relações socioprofissionais, custo afetivo, cognitivo e físico foram classificados pelos profissionais com risco “crítico” e “grave” para o adoecimento psíquico. Deste modo, o enfermeiro vive uma grande contradição, operacionalizando o seu próprio sofrimento enquanto alivia o sofrimento do outro. **Conclusão:** A partir dos resultados, instigam-se ações de promoção e prevenção em saúde mental, bem como a implementação de políticas públicas que favoreçam melhores condições de trabalho para os enfermeiros que atuam neste contexto, visto que estão na linha de frente e na porta de entrada do cuidado em saúde.

Palavras-chave: Enfermagem, Adoecimento psíquico, Atenção primária a saúde.

ABSTRACT

Objective: To investigate the relationship between work and the mental health of nurses in primary health care. **Methods:** This is a quantitative study, utilizing field research techniques and developed in a cross-sectional manner. The research was conducted with 43 nurses working in primary health care units. A sociodemographic questionnaire as well as the Work Context Evaluation Scale (EACT) and the Human Work Cost Scale (ECHT) were administered. The data were analyzed using descriptive statistical techniques. **Results:** It was found that the work of nurses in primary health care poses risk factors to mental health, as the organization and working conditions, socioprofessional relationships, emotional, cognitive, and physical costs were classified by professionals as having "critical" and "severe" risks for psychological illness. Thus, the nurse lives a significant contradiction, managing his or her own suffering while alleviating the suffering of others. **Conclusion:** Based on the results, actions to promote and prevent mental health are encouraged, as well as the implementation of public policies that support better working conditions for nurses working in this segment, given that they are on the front lines and at the forefront of healthcare delivery.

Keywords: Nursing, Mental illness, Primary healthcare.

¹ Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC). Foz do Iguaçu – PR.

² Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). Foz do Iguaçu – PR.

RESUMEN

Objetivo: Investigar la relación entre el trabajo y la salud mental del enfermero de la atención básica de salud. **Métodos:** Se trata de un enfoque cuantitativo, con procedimientos de investigación de campo y desarrollado de manera transversal. La investigación se realizó con 43 enfermeros que trabajan en las unidades básicas de salud, a quienes se les aplicó un cuestionario sociodemográfico y las Escalas de Evaluación del contexto de trabajo (EACT) y de Costo Humano del Trabajo (ECHT). Los datos fueron analizados a través de técnicas de estadísticas descriptivas. **Resultados:** Se constató que el trabajo del enfermero de atención básica de salud ofrece factores de riesgo para la salud mental, ya que la organización y las condiciones de trabajo, las relaciones socioprofesionales, el costo afectivo, cognitivo y físico fueron clasificados por los profesionales con riesgo “crítico” y “grave” para el padecimiento psíquico. De este modo, el enfermero vive una gran contradicción, operacionalizando su propio sufrimiento mientras alivia el sufrimiento del otro. **Conclusión:** A partir de los resultados, se proponen acciones de promoción y prevención en salud mental, así como la implementación de políticas públicas que favorezcan mejores condiciones de trabajo para los enfermeros que trabajan en este segmento, ya que están en la primera línea y en la puerta de entrada del cuidado en salud.

Palabras clave: Enfermería, Enfermedad psíquica, Atención básica de salud.

INTRODUÇÃO

A saúde mental do homem pode ser impactada por uma variedade de fatores, incluindo influências ambientais, econômicas e políticas. É crucial reconhecer que esses fatores não atuam de forma isolada, mas reforçam-se mutuamente, influenciando o surgimento de doenças psíquicas (ARAGONÉS E, et al., 2018). Neste segmento, o trabalho também pode ser considerado um fator de risco para o declínio da saúde mental do trabalhador, uma vez que, com a evolução do capitalismo, o trabalho passou a ser entendido como uma forma de captar renda e como venda de tempo de vida, desqualificando a disposição e o produto do trabalho do sujeito (SCHWARTZ Y, 2011).

O espírito do capitalismo é transformar tudo em mercadorias e conseqüentemente em lucro, itens como bens materiais, tempo de vida, espaços públicos são exemplos de coisas que passaram pela transformação deste sistema. O lucro dessa ação mercantil – o capital – é substituído por uma presença jurídica e moral, logo os indivíduos que não possuem este prestígio na sociedade capitalista são deixados de lado e passam a possuir pouco ou quase nenhum valor em vista dos demais (COMPARATO F, 2011). Então o homem se perde em seus afazeres, alienando-se da sua natureza e consciência (BARROS J, 2011). O homem alienado não exerce sua função de trabalho a luz de uma criatividade, mas sim como forma de atingir seu objetivo de produção, como um ato puramente de sobrevivência (LUZ RS, 2008).

A humanização do indivíduo se manifesta através das interações sociais e da sua atividade central no trabalho. Quando essa conexão é marcada pela alienação ou precarização, as oportunidades para o pleno desenvolvimento da personalidade humana são seriamente comprometidas. Isso resulta em um aumento notável nos índices de psicopatologias (SILVA MAS e TULESKI SC, 2015). Em situações de alienação, o trabalho deixa de ser a atividade essencial para o desenvolvimento humano e passa a se tornar algo estranho, desvinculado do ser, de suas intenções e características, desumanizando-o.

Na área da saúde, a humanização é fundamental para construir laços entre os profissionais, gestores, pacientes, familiares e a comunidade em geral. Para promover uma relação saudável entre os pacientes e os profissionais da saúde, é essencial que o cuidado seja considerado em todos os níveis de atendimento, desde os mais simples aos mais complexos. Entretanto, para isso é necessário entender como o contexto de trabalho destes profissionais, especialmente dos enfermeiros, está influenciando na saúde mental, visto que isso também irá repercutir no atendimento ao paciente.

Na Atenção Primária de Saúde (APS) o enfermeiro está inserido na Estratégia de Saúde da Família (ESF) juntamente com um médico, técnico de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde, e nesse contexto a atuação da enfermagem é muito ampla, incluindo atendimentos pré-natal, neonato e puerpério, orientações em geral, promoção e prevenção da saúde, entre outras funções (PIRES RCC, et al., 2022). Em uma pesquisa

realizada em uma UBS de São Paulo, constatou-se que os enfermeiros têm excesso de atribuições e responsabilidades, com pouco tempo para executá-las, atuando constantemente sob pressão.

Entre as funções citadas estão a orientação e coordenação da equipe de enfermagem; acompanhamento de procedimentos; tarefas burocráticas e administrativas, como fazer escalas, cargas horárias, férias, preenchimento de fichas, entre outros; além de visitas domiciliares, orientação no uso de medicamento; palestras preventivas a população etc. (SOARES C, et al., 2013). Atualmente cerca de 40,00% a 80,00% dos profissionais de enfermagem queixam-se de sintomas de desgaste psicológico em decorrência de sua atuação, a taxa de enfermeiros que expressaram o desejo de abandonar a profissão teve um aumento de 20,00%, segundo o relatório Recuperar para Reconstruir do COFEN (BRASIL, 2023).

Em um estudo feito com os profissionais de enfermagem de um hospital público, buscou-se compreender a relação de transtornos mentais, burnout e pressão arterial com relação à carga horária e turnos que os profissionais atuavam. O estudo constatou que enfermeiros que trabalham em turnos possuem maiores índices de exaustão emocional e despersonalização, juntamente com pressão arterial elevada, menor qualidade no sono e permanecem exaustos mais tempo daqueles que trabalham em turnos fixos diurnos (NASCIMENTO LCN, et al., 2018).

A falta de cuidado com as doenças relacionadas ao trabalho é considerada um problema crescente no setor de rede pública de saúde, pois afeta áreas sociais, organizacionais e pessoais. Os afastamentos dos enfermeiros em 2008 já registravam um aumento de 1% ao ano, e os motivos eram transtornos de humor, com 46,7%, e transtornos neuróticos com 31,5%.

Com isso, nota-se a necessidade de um aprofundamento na investigação dos fatores associados a estes danos, a fim de exercer a prática de promoção e reintegração do trabalho aos profissionais de enfermagem (FALAVIGNA A e CARLOTTO MS, 2013). A partir do exposto, esse estudo buscou investigar a relação entre o contexto de trabalho e a saúde mental dos enfermeiros na Atenção Primária à Saúde.

MÉTODOS

O presente estudo é uma pesquisa de natureza observacional e descritiva, com abordagem quantitativa, desenvolvida de maneira transversal. Caracteriza-se como pesquisa de campo, a qual procura focar na comunidade (comunidade de estudo, de trabalho, de lazer, entre outras) por meio de observação das características do grupo, das suas atividades, e entrevistas a fim de captar explicações e interpretações acerca dos acontecimentos de uma determinada sociedade (GIL AC, 2008).

A pesquisa foi realizada com 43 enfermeiros que atuam na Atenção Primária à Saúde de uma cidade do interior oeste do Paraná. O equivalente a 48,00% do total de enfermeiros do município neste contexto. Estabelece-se os seguintes critérios de inclusão: (1) possuir graduação em enfermagem; (2) concordar com o Termo de Consentimentos livre e Esclarecido (TCLE); e (3) atuar no âmbito da Atenção Primária de Saúde há pelo menos 01 ano, para conhecer o sistema, e ter propriedade acerca do dia a dia do trabalho do enfermeiro neste contexto, para assim, poder elencar possíveis fatores de risco da atividade laboral e a relação com a saúde mental.

A coleta de dados aconteceu entre os meses de agosto e outubro de 2023, a partir da aplicação de um questionário sociodemográfico, com questões acerca do sexo, idade, estado civil, jornada de trabalho, carga horária semanal e se faz algum tipo de tratamento em saúde mental. E duas escalas que compõem o Inventário sobre o Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA) (MENDES AM, 2007), a Escala de Avaliação do Contexto do Trabalho (EACT) que avalia três fatores, a Organização do Trabalho, as Condições de Trabalho e as Relações Socioprofissionais; e a Escala de Custo Humano no Trabalho (ECHT) que consiste nos fatores de Custo Afetivo, Cognitivo e Físico.

Todos os questionários são estruturados, com perguntas fechadas e autoaplicáveis, disponibilizados por meio da plataforma Google Forms. A pesquisa foi divulgada nas redes sociais, e aqueles que atendiam aos critérios de inclusão, de modo voluntário responderam o questionário, que ficou disponível na plataforma por

quarenta dias. Utilizou-se do critério de saturação de dados para encerrar a pesquisa, e para a análise dos dados, foram utilizadas técnicas de estatística descritiva.

A realização desse estudo obedeceu aos preceitos éticos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), o qual foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e aprovado sob CAAE nº 70608923.3.0000.8527 e parecer nº 6.169.749.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos dados sociodemográficos dos participantes, 88,40% são do sexo feminino, com média de idade de 34 anos. Segundo a Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC PR (2021), 85,00% dos profissionais de enfermagem do país são mulheres, talvez isso ainda esteja relacionado ao papel de cuidado, que na maioria das vezes está ligado à figura da mulher. Quanto ao estado civil, 48,9% declararam-se casados e 32,60% solteiros. Dos entrevistados, a maioria tem entre 26 e 30 anos (30,24%) e, possuem filhos (53,50%). (Tabela 1)

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra em estudo.

Variáveis	N (43)	%
Sexo		
Feminino	38	88,40
Masculino	5	11,60
Estado civil		
Solteiro	14	32,60
Casado	21	48,90
União estável	2	4,60
Viúvos	2	4,60
Divorciados	4	9,30
Faixa etária		
Entre 20 e 25 anos	4	9,30
Entre 26 e 30 anos	13	30,24
Entre 31 e 35 anos	10	23,26
Entre 36 e 40 anos	8	18,60
Acima de 41 anos	8	18,60
Possuem filhos		
Sim	23	53,50
Não	20	46,50

Fonte: Jeronymo HCL, et al., 2025. Baseado no instrumento de coleta de dados elaborados para fins desta pesquisa.

Em relação a carga horária semanal de trabalho, constatou-se que 48,80% dos participantes dedicavam de 20 a 30h por semana ao trabalho. Quanto ao tempo de atuação na APS a maioria declarou o período de um a cinco anos (48,80%).

Alguns enfermeiros (25,60%) afirmaram ter outro vínculo trabalhista, além da carga horária na Unidade de Saúde (**Tabela 2**). Segundo Barros MN, et al. (2023) o baixo salário dos enfermeiros é o fator que impulsiona os profissionais a procurarem outro vínculo trabalhista, com o objetivo de aumentar sua renda.

Em um estudo realizado com enfermeiros de um serviço de emergência, foi possível verificar que 58,9% dos enfermeiros que atuam no setor público possuem diversos vínculos empregatícios, o que evidencia a precarização do trabalho no setor, considerando os dois vínculos de trabalho, 72,97% da amostra cumpre carga horária semanal de 50 horas, o que prejudica o lazer, vida social, causa desgaste físico e mental, e exaustão emocional (OLIVEIRA EB, et al., 2017).

Tabela 2 – Caracterização de dados trabalhistas dos enfermeiros participantes do estudo.

Variáveis	N (43)	%
Carga horária semanal (horas)		
20 a 30h	21	48,80
31 a 40h	20	46,50
41 a 50h	2	4,70
Tempo de atuação na APS (anos)		
1 a 5	21	48,80
6 a 10	3	6,90
11 a 15	2	4,65
16 a 20	4	9,30
21+	3	6,90
Não responderam a questão	10	23,45
Outro vínculo trabalhista		
Sim	11	25,60
Não	32	74,40
Turno de trabalho		
Matutino	17	39,50
Vespertino	13	30,20
Noturno	1	2,40
Integral	12	27,90

Fonte: Jeronymo HCL, et al., 2024. Baseado no instrumento de coleta de dados elaborados para fins desta pesquisa.

Na perspectiva marxista, o capitalismo e a modernidade fazem com que o salário pareça ser justo para o funcionário e equivalente a força de trabalho vendida, logo, todo trabalho realizado (necessário ou excedente) parece ser pago, entretanto o mesmo apenas cumpre com as necessidades vitais do trabalhador (MAIOR JLS, 2014).

O autor ainda ressalta que a precarização do salário recebido faz com que haja a alienação no processo de produção, o que significa dizer que, apenas trabalha-se para sobreviver, assim, submete-se a cargas horárias exorbitantes para receber um salário um pouco maior.

De acordo com Garcés M e Stecher A (2021), os fatores que mais influenciam o desenvolvimento de transtornos mentais e emocionais em enfermeiros no ambiente de trabalho estão relacionados com a precarização, sobrecarga de trabalho, conflitos interpessoais e turnos longos de trabalho.

Ainda de acordo com o autor, os índices elevados de adoecimento psíquico nessa classe se dá pela baixa remuneração, levando o enfermeiro a procurar outras fontes de renda e trabalhar em turnos maiores do que 6 horas por dia.

Identificou-se que a maioria dos enfermeiros já realizou, alguma vez, tratamento em saúde mental (69,8%), entretanto. O tratamento mais buscado foi o de Psicologia, atingindo 76,70%. E quando questionados sobre qual medicação já usaram, majoritariamente foram antidepressivos e ansiolíticos, e anticonvulsivantes, alguns exemplos desses são: Rivotril, Fluoxetina, Desvenlafaxina, Clonazepam, etc. Adicionalmente, a maioria dos participantes tem até três anos de tratamento (**Tabela 3**).

É importante mencionar, que a automedicação é bastante corriqueira na rotina dos enfermeiros, pois a facilidade de encontrar os remédios e o conhecimento sobre as substâncias são fatores que facilitam esta prática (GALVAN MR, 2014).

Esta constatação também se observou na presente amostra, pois apenas 20,00% dos trabalhadores disseram ter procurado um médico psiquiatra e aproximadamente 21,00% dos enfermeiros disseram fazer uso de medicamentos.

Tabela 3 – Tratamentos em saúde mental dos enfermeiros participantes do estudo.

Variáveis	N (43)	%
Tratamentos em saúde mental		
Sim	30	69,80
Não	13	30,20
Tipo de tratamento		
Psicologia	33	76,70
Psiquiatria	10	23,30
Tempo de tratamento		
0 a 3 anos	26	60,47
4 a 6 anos	1	2,33
7 ou mais	3	6,97
Não realiza tratamento	13	30,23

Fonte: Jeronymo HCL, et al., 2025. Baseado no instrumento de coleta de dados elaborados para fins desta pesquisa.

Quanto aos fatores de risco que podem contribuir para o adoecimento psíquico relacionado ao trabalho, a **Tabela 4** apresenta as classificações.

Tabela 4 - Fatores de risco para o adoecimento no trabalho.

Escalas	Fatores de Risco	Média	Classificação
EACT	Organização do trabalho	3,88	Grave
	Relações socioprofissionais	3,33	Crítico
	Condições de trabalho	3,08	Crítico
ECHT	Custo afetivo	3,58	Crítico
	Custo cognitivo	4,09	Grave
	Custo físico	3,47	Crítico

Fonte: Jeronymo HCL, et al., 2025.

Organização do Trabalho

Majoritariamente em ambas as escalas, os índices de risco para adoecimento estão ‘críticos e graves’, o que demonstra risco alto para o adoecimento relacionado ao trabalho. No fator Organização do Trabalho há componentes como o ritmo excessivo de trabalho, tarefas são cumpridas com pressão de prazos e cobrança por resultados, número de pessoas é insuficiente para realizar as tarefas, normas para execução das tarefas são rígidas, falta tempo para realizar pausas de descanso no trabalho, etc.

Compreende-se que a administração e a estruturação do trabalho refletem as experiências temporais diárias dos trabalhadores, e indiscutivelmente, o modelo toyotista é notável em diversos setores, incluindo o serviço público, onde aumenta-se a intensidade do trabalho, ampliando a produção, enquanto procura-se reduzir o tempo dedicado ao trabalho, minimizando os momentos de descanso e pausas para recuperação da fadiga (GARCÉS M e STECHER A, 2021).

Entretanto, o trabalho não se limita a ser apenas uma fonte de subsistência, desempenha um papel crucial na integração social, mas com a sobrecarga e a falta de tempo para descanso não apenas prejudicam os benefícios das interações sociais, mas também contribuem para o agravamento dos fatores de risco para o adoecimento (BITENCOURT BM, et al., 2014).

Para Silva GL et al. (2012) uma boa organização do contexto de trabalho implica na disponibilidade de recursos essenciais para a execução das atividades profissionais, abrangendo desde as instalações físicas até materiais, equipamentos e outros tipos de suporte. A partir da década de 1980, as demandas do mundo profissional tornaram-se mais complexas, enquanto os recursos necessários para atendê-las diminuíram, especialmente devido à precarização dos trabalhadores, notadamente dos enfermeiros, resultando em uma sobrecarga na equipe.

Além disso, quando há uma rigidez na estrutura do trabalho, diminui a significância das tarefas, elevando, conseqüentemente, o sofrimento psíquico do profissional (MERLO ARC, 2003). Um dado que corrobora com essa perspectiva, é que 48,80% dos enfermeiros que já fizeram tratamento em saúde mental apresentaram classificação grave na organização do trabalho, com ênfase no sexo feminino (60,4%).

Relações socioprofissionais no ambiente de trabalho

Este fator é composto pela falta de autonomia no trabalho, distribuição injusta das tarefas, disputas profissionais e de falta integração no ambiente de trabalho, etc. Neste fator foi unânime que as relações socioprofissionais são um fator crítico à saúde mental dos enfermeiros. Segundo Antogla CS, et al. (2014) para a análise das relações socioprofissionais, deve-se ter como pressuposto que o contexto influencia as emoções, o humor e o afeto do trabalhador, o que pode facilitar ou dificultar as interações sociais e o desenvolvimento de bem-estar e satisfação no trabalho. Entretanto para que as relações no ambiente de trabalho não sejam um fator de risco para a saúde mental do trabalhador, não devem ser fontes de insatisfação e sofrimento, mas sim terreno fértil para a evolução pessoal e profissional (MENDES AM, 2007).

Essa configuração das relações laborais se apoia na lógica neoliberal do mercado, promovendo uma transformação na percepção de pertencimento e engajamento cívico ao substituir esses valores por uma mentalidade orientada para a competição e o sucesso individual. Tal mudança na dinâmica social e política traz impactos significativos, à medida que a sociedade contemporânea passa a priorizar os interesses privados em detrimento do bem-estar coletivo.

O setor público, com uma política de desvalorização do profissional por meio do achatamento salarial e das precárias condições de trabalho, intensifica a competição entre os trabalhadores na busca por cargos hierárquicos superiores, visando uma remuneração mais elevada ou maior influência no ambiente de trabalho (RODRIGUES RRJ, et al., 2001).

A ênfase no individualismo pode surgir do medo de um colega conquistar sua posição, e da ameaça de perder seu próprio espaço, fomentando assim uma competição que não traz benefícios. Dejours C (2004) afirma que a maioria das patologias no ambiente de trabalho atualmente estão relacionadas à solidão, afetando a saúde mental dos trabalhadores e resultando em sofrimento/ adoecimento psíquico.

Condições de Trabalho

Esse fator está relacionado às condições físicas do contexto de trabalho, como condições precárias, ambiente físico desconfortável, instrumentos e materiais de trabalho insuficientes e precários, espaço físico inadequado, etc. Todos os enfermeiros do estudo consideraram esse fator como “Crítico”, ou seja, está sendo potencialmente um fator para o adoecimento.

Ter condições de trabalho adequadas é essencial para manter um ambiente saudável. No caso da enfermagem, é uma atuação extenuante, com extensas jornadas e, principalmente, caracterizado pela constância e permanência em tarefas intensas e rotineiras ao longo de quase todo o tempo. De acordo com Araújo W (2023), as condições de trabalho precárias influenciam não somente em como o serviço é prestado, mas também na saúde do trabalhador, gerando aumento de estresse, doenças ocupacionais e acidentes dentro do ambiente de trabalho. Infelizmente, e não raro, em entidades governamentais, o processo de aquisição de materiais e equipamentos é burocrático devido aos procedimentos licitatórios.

Em muitas circunstâncias, os profissionais se veem obrigados a realizar procedimentos utilizando materiais improvisados e equipamentos que se encontram em estado precário. Embora nos últimos anos tenha havido uma considerável atenção para isso, a quantidade disponível ainda não atende adequadamente, resultando em uma execução incoerente das tarefas. Devido à precarização das condições de trabalho, os enfermeiros necessitam adaptar e improvisar materiais, o que traz diversas repercussões, incluindo um aumento no ritmo de trabalho, maior esforço físico e a necessidade de buscar insumos em outros setores. Como resultado, os trabalhadores experienciam desgaste físico e emocional, manifestando sentimentos de raiva, angústia, ansiedade, desmotivação e estresse (CUNHA LS, 2010).

Custo Físico, Afetivo e Cognitivo

Esse fator corrobora com o fator de Condições de trabalho, e engloba itens relacionados ao esforço físico, usar as pernas e braços de modo contínuo etc. Neste fator, a maioria dos enfermeiros (70,00%) classificaram como “crítico”, e os demais como “grave”.

Dentro do campo das profissões da saúde, a enfermagem tem enfrentado um impacto substancial de distúrbios musculoesqueléticos, com taxas de prevalência superando os 80,00% em várias nações. No Brasil, as taxas de prevalência variam de 43,00% a 93,00% (MAGNAGO TSBS, et al., 2007).

Os fatores de risco associados aos distúrbios musculoesqueléticos estão relacionados à organização do trabalho, às condições ambientais e ao possível desgaste de certas áreas do corpo devido a movimentos específicos, tais como posturas inadequadas, esforço excessivo para realizar certas tarefas e repetição de movimentos.

A elevada demanda enfrentada pelos profissionais de enfermagem está associada ao surgimento de diversas enfermidades, frequentemente de natureza física. Em uma pesquisa envolvendo profissionais de enfermagem na região Sul do Brasil, a maioria dos participantes relatou experienciar significativas dores físicas, principalmente na região lombar, nas pernas e nos pulsos (DUARTE MLC, et. al., 2012).

O fator Custo Afetivo engloba elementos como ter controle das emoções, lidar com ordens contraditórias e com agressividade dos outros, disfarçar sentimentos, transgredir valores éticos, etc, classificados pelos enfermeiros como “crítico” e “grave”, ou seja, o contexto laboral está exigindo um alto custo afetivo.

Quando é exigido que os trabalhadores se comportem de determinada maneira, contrariando valores éticos ou as próprias características de personalidade, sentimentos como frustração, irritabilidade e desmotivação se tornam proeminentes (ANDRADE MCS e CAPOCCI P, 2004).

Essas informações apontam para um considerável desgaste mental e emocional ao atender às demandas profissionais, o que pode desencadear complicações a curto e longo prazo, pois esse cenário torna-se progressivamente aversivo, pois ao invés de proporcionar humanização ao sujeito, contribui para a perda de sentido e conseqüentemente para o adoecimento psíquico.

Quanto ao Custo Cognitivo, prevalentemente foi classificado como “grave”, denotando grandes riscos à saúde dos enfermeiros que trabalham na atenção primária de saúde. Os itens que compõem esse fator são: resolução de problemas, usar a memória, fazer esforço mental, usar a criatividade e a visão de forma contínua etc.

Atualmente, os enfermeiros desempenham um papel abrangente, envolvendo não apenas o cuidado direto aos pacientes, mas também responsabilidades administrativas relacionadas, como elaboração de escalas, gerenciamento de férias e organização de folgas (JESUS IF, 2019).

Além disso, esses profissionais têm a responsabilidade de supervisionar as equipes de enfermagem, bem como gerenciar documentos e doses de medicamentos aos pacientes. Essas atividades somadas ao atendimento habitual do enfermeiro, ocasiona um custo cognitivo elevado, uma vez que se encontram na posição de solucionar problemas envolvendo outros profissionais, muitas vezes afastando-se da realização de seus próprios objetivos de serviço (GALVÃO CM, et al., 1998).

De acordo com Oliveira APS, et al. (2019) entre os fatores que contribuem para as psicopatologias, estão as queixas relacionadas à necessidade constante de lembrar algo (uso da memória), disrupções no funcionamento normal do indivíduo, dificuldades de concentração, entre outros. Conforme Murofuse NT et. al. (2005) o deficit de memória pode estar associado a diversos transtornos mentais, incluindo a Síndrome de Burnout, resultante de elevados níveis de estresse. Em um estudo realizado com 10.329 enfermeiros de hospitais públicos e privados pelo Instituto Qualisa de Gestão (IQG, 2023) acerca da síndrome de burnout, mostrou que 79% dos enfermeiros possuem baixa realização profissional, 20,57% apresentam exaustão emocional e mental, e 24% manifestaram despersonalização.

CONCLUSÃO

A conclusão do estudo reafirma que a relação entre o trabalho e a saúde mental dos enfermeiros na Atenção Primária à Saúde é fortemente influenciada pela organização e condições de trabalho, que impactam de maneira crítica o bem-estar psicológico desses profissionais. No cenário atual, a função do trabalho, que antes era uma atividade essencial à sobrevivência humana, tem se transformado em uma ferramenta voltada principalmente para o lucro das elites, resultando em uma crescente alienação do trabalhador. Nesse contexto, os enfermeiros, particularmente no setor público, estão imersos em uma realidade de precarização das condições laborais, uma consequência das reformas econômicas, políticas e jurídicas que têm desmantelado o serviço público. Essas reformas, juntamente com discursos que fomentam subjetividades individualizadas e apáticas, consolidam uma lógica de dominação que perpetua a exploração dos trabalhadores. Diante disso, os enfermeiros se veem em uma contradição intrínseca, pois, enquanto aliviam o sofrimento dos outros, acabam por vivenciar e operar seu próprio sofrimento, exacerbado pelas condições de trabalho. O estudo identificou diversos fatores de risco para o adoecimento psíquico desses profissionais, evidenciando que o ambiente de trabalho na Atenção Básica à Saúde contribui substancialmente para o desenvolvimento de transtornos mentais. À luz desses resultados, é urgente a implementação de ações de promoção e prevenção da saúde mental, além de políticas públicas que melhorem as condições de trabalho para os enfermeiros, reconhecendo o papel crucial que desempenham na linha de frente do cuidado à saúde. Para aprofundar a compreensão sobre esse fenômeno, sugere-se a realização de estudos futuros que explorem mais detalhadamente os critérios de classificação diagnóstica, bem como a análise do discurso dos enfermeiros, o que poderia enriquecer a interpretação dos dados qualitativos gerados pelas escalas utilizadas neste estudo.

REFERÊNCIAS

1. ANDRADE MCS e CAPOCCI P. As emoções do profissional de enfermagem ao lidar com clientes com HIV/Aids. *Revista de Enfermagem da UNISA*, 2004; 5(1): 15-19.
2. ANTLOGA CS, et al. Contexto de trabalho e custo humano no trabalho em um órgão do Poder Judiciário brasileiro. *Cien Saude Colet*. 2014; 19(12):4787-4796.
3. ARAGONÉS, E. et al. The effect of economic crisis and austerity on mental health in Spain: a literature review. *European Journal of Public Health*, 2018; 28(5): 716-720.
4. ARAÚJO W. Atualidades: A precarização do trabalho no Brasil. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=ARA%C3%9AJO+W.+Atualidades%3A+A+precariza%C3%A7%C3%A3o+do+trabalho+no+Brasil.+Not%C3%ADcias+Concursos&ie=UTF-8&oe=UTF-8> Acessado em: 24 de maio de 2023.
5. BARROS J. O conceito de alienação no jovem Marx. *Tempo Social*, São Paulo, 2011; 23(2): 109-132.
6. BITENCOURT BM, et al. Sentidos do trabalho para jovens de um empreendimento solidário e para trainees. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 2014; 7(2): 142-155.
7. BRASIL, 2012. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*, 13 jun. 2013, Seção 1, p. 59-62.
8. BRASIL, 2023. Ministério da Saúde divulga segunda edição da cartilha do Piso Nacional da Enfermagem. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/outubro/ministerio-da-saude-divulga-segunda-edicao-da-cartilha-do-piso-nacional-da-enfermagem>. Acesso em: 27 de out. 2023.
9. COMPARATO, F. Capitalismo: civilização e poder. *Estudos Avançados*, 2011; 25(71): 125-140.
10. CUNHA LS. As Adaptações e improvisações no trabalho hospitalar e suas implicações na saúde do trabalhador de enfermagem. Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Enfermagem] – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
11. DEJOURS C. Addendum da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: F. Soudant; S. Lan- cman; L. I. Sznalwar (Org.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Tradução Frank Soudant. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004; 47-104.

12. DUARTE MLC, et al. A saúde do trabalhador na estratégia de saúde da família: percepções da equipe de enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, 2013; 18(2): 323-30.
13. GALVAN MR. Automedicação entre profissionais da saúde. Trabalho de Conclusão de curso para Faculdade de Enfermagem – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
14. GALVÃO CM, et al. Liderança situacional: estrutura de referência para o trabalho do enfermeiro-líder no contexto hospitalar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 1998; 6(1): 81-90.
15. GARCÉS M e STECHER A. Trabalho em tempos de lean management uma revisão sobre seus efeitos adversos nas experiências de trabalho. *Inovar*, 2021; 31(79): 71-88.
16. GIL AC. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008; 6.
17. INSTITUTO QUALISA DE GESTÃO, 2023. Estudo sobre a saúde mental de enfermagem em congresso internacional. Disponível em: <https://iqg.com.br/imprensa/instituto-qualisa-de-gestao-apresenta-estudo-sobre-a-saude-mental-da-enfermagem-em-congresso-internacional/> Acesso em: 27 de out. 2023.
18. JESUS IF. A precarização do trabalho da enfermagem: uma reflexão do cenário atual. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de enfermagem da Faculdade de Salvador, Bahia, 2019.
19. LUZ RS. Trabalho alienado em Marx: a base do capitalismo. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
20. MAGNAGO, TSBS et. al. Distúrbios músculo-esqueléticos em trabalhadores de enfermagem: associação com condições de trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, 2007; 60(6): 701-705.
21. MAIOR JLS. Um conceito marxista acerca do salário. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, 2014; 6(2): 95-109.
22. MENDES AM. Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisa. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.
23. MERLO ARC, et al. O trabalho entre prazer, sofrimento e adoecimento: a realidade dos portadores de lesões por esforços repetitivos. *Psicologia & Sociedade*, 2003; 15(1): 117-136.
24. MUROFUSE NT, et al. Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2005; 13: 255-261.
25. NASCIMENTO LCN, et al. Theoretical saturation in qualitative research: an experience report in interview with school children. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2018; 71(1): 6.
26. OLIVEIRA APS, et. al. O esgotamento físico dos enfermeiros no setor de urgência e emergência: revisão integrativa. *Nursing (São Paulo)*, 2019; 22(251): 2839–2843.
27. OLIVEIRA EB, et. al. Estresse ocupacional e burnout em enfermeiros de um serviço de emergência: a organização do trabalho. *Revista Enfermagem UERJ*, 2017; 25: 28842.
28. PIRES RCC, et al. Atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde (APS): Uma revisão integrativa da literatura. *Revista Científica de enfermagem*, 2022, 12(37): 107-114.
29. PUC-PR (n.d.). Modelo biopsicossocial. Blog da PUCPR. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/modelobiopsicossocial#:~:text=O%20modelo%20biopsicossocial%20%C3%A9%20uma%20abordagem%20multidisciplinar%20que,e%20interrelacionais%29%20podem%20afetar%20a%20sa%C3%BAde%20do%20paciente.> Acesso em: 08 de maio de 2023.
30. RODRIGUES RRJ, et al. Um espaço para o desenvolvimento interpessoal no trabalho. *Psicologia em Estudo*, 2001; 6: 123-127.
31. SCHWARTZ Y. Conceituando o trabalho o visível e o invisível. *Tempo Social*, 2011; 23(1): 59-76.
32. SILVA GL, et al. A estrutura de um serviço de urgência público, na ótica dos trabalhadores: perspectivas da qualidade. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 2012; 21: 320-328.
33. SILVA MAS e TULESKI SC. Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. *Estudos de Psicologia*, 2015; 20(4): 207-216.
34. SOARES CB, et al. Atribuições do enfermeiro na unidade básica de saúde: percepções e expectativas dos auxiliares de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2013; 47(4): 915-21.